

Atirem os sapatos, mas não acertem o alvo

Clarisse Gurgel¹

Introdução

Este trabalho pretende contribuir para uma análise das formas de atuação de sujeitos políticos específicos. Estamos tratando de forças políticas que se situam hoje no campo da esquerda partidária brasileira. A despeito de não ser este o ponto central de nossas análises, entendemos ser necessário um breve esclarecimento do que estamos chamando aqui de esquerda partidária brasileira.

Reconhecemos que a delimitação política destes campos - esquerda e direita – pode ser objeto hoje de muitas controvérsias. Falamos aqui do debate possível a ser feito, após a chegada do Partido dos Trabalhadores ao governo, sobre seu perfil ideológico e político, antes nitidamente situado no campo da esquerda. Haverá aqueles que poderão sugerir que a única esquerda que nos serve de referência é esta que está no governo, em que se poderia incluir, quem sabe, o PSB, o PDT e o PCdoB. Outros poderão entender que as fronteiras entre esquerda e direita tornaram-se tão flexíveis, que dispensam tais categorizações. Somados a estes, ainda poderemos encontrar aqueles que crêem que o PT - e as forças tradicionalmente mais progressistas do país que compõem seu governo -, se situam hoje próximos ao campo da social-democracia. Razão pela qual haver uma esquerda dita radical, que faz a oposição ao governo com bandeiras pelo socialismo.

Nesses marcos, diríamos que a esquerda de que falamos guarda identidade com os setores mais ortodoxos do PT ou mais fiéis ao conteúdo estratégico de textos de fundação do próprio PT. É na sua Carta de Princípios de 1979, que o PT se define como um partido que “*almeja uma sociedade socialista e democrática*”, proclama que a participação do

¹Clarisse Gurgel é mestre em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro – IUPERJ

PT em eleições e suas atividades parlamentares “(...) *se subordinarão ao seu objetivo maior, que é incentivar e aprofundar a organização das massas exploradas*” e mais, afirma que “*buscará apoderar-se do poder político e implantar o governo dos trabalhadores, baseado nos órgãos de representação criados pelas próprias massas trabalhadoras com vista a uma primordial democracia direta*”. No Manifesto Pró-PT, por exemplo, o PT aparece como “*um partido que nasce da decisão dos explorados de lutar contra um sistema econômico e político que não pode resolver os seus problemas, pois só existe para beneficiar uma minoria de privilegiados*”.² Logo, é nos documentos oficiais que deram origem ao PT que encontramos referência a uma estratégia comum a esta esquerda de que tratamos. Não é sem motivo que boa parte de seus militantes é oriunda do Partido dos Trabalhadores, sendo dele dissidente longínquo ou tardio. É o caso, respectivamente, do PSTU e do PSOL. Serão estes, por fim, os objetos deste nosso trabalho. É sobre estes sujeitos políticos que iremos tratar, de modo a avançarmos nas análises acerca de sua atuação frente ao desafio, em especial, daquilo que trata a Carta de Princípios: da organização das massas exploradas.

Este trabalho tem como propósito, portanto, uma análise da militância da esquerda partidária brasileira, naquilo que diz respeito, em especial, a seus métodos e táticas de organização, que incluem a propaganda. Pretendemos avançar na direção de compreendermos o alcance destes métodos e táticas, em um contexto em que a comunicação de massa impõe novos desafios à disputa política. A filosofia de Baruch Spinoza nos auxiliará nestas análises. Este filósofo do século XVII nos ajuda a entender as possíveis mudanças ocorridas na forma de atuação desses partidos e as influências dos meios de comunicação para a ocorrência de tais mudanças. Não é sem razão que Spinoza vem sendo resgatado por teóricos políticos contemporâneos como Étienne Balibar e Antônio Negri. Ele é um pensador que tem auxiliado hoje na tarefa de aprofundar a compreensão da dimensão subjetiva da política, especialmente por sua teoria materialista dos afetos e da imaginação.

²Disponível em: <http://www.pt.org.br>, consulta realizada em 12 de fevereiro de 2009.

A esquerda e sua imagem como afecção do corpo e da mente

Começamos pela proposição 16, da parte II da *Ética* de Spinoza para compreendermos o objetivo principal de nosso trabalho. Diz a proposição: “(...) a *idéia* de cada uma das maneiras pelas quais o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores deve envolver a natureza do corpo humano e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior.”³ Portanto, diríamos que nossa pesquisa busca compreender a *natureza* dos partidos de esquerda, como corpo afetante e, por sua vez, a *natureza* dos trabalhadores⁴, dos corpos - pelos partidos -, afetados. Ressaltamos, porém, que natureza aqui é a essência singular de cada corpo, aquilo em função de que, nos termos de Spinoza, o corpo pode perseverar na existência, um grau determinado de *potência* de agir. Todavia, dado o conteúdo que carrega hoje a noção de natureza, é preciso dizer que a noção de essência como *conatus* permite delimitar nossa pesquisa na busca por uma compreensão das *práticas* atuais de partidos de esquerda e do modo como eles conseguem afetar seu “público alvo”⁵. Em termos spinozianos, interessa-nos aqui observar as idéias que os trabalhadores⁶ podem ter desses partidos, a partir de sua imagem, dos signos que lhes

³SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007, Proposição 16, da parte 2.

⁴ Pelos limites deste trabalho, dedicaremos-nos ao estudo disto que estamos chamando de *natureza* dos trabalhadores em uma produção posterior. Ocasão em que nos voltaremos para o tema do mundo do trabalho e de suas configurações hoje.

⁵ Em termos rigorosamente spinozianos, partidos, classes, e outras entidades coletivas são individualidades complexas, à medida que se caracterizam pelo agenciamento coletivo de corpos e mentes. Neste sentido tais individualidades são também corpos e mentes. Por isso é possível dizer que o partido é um corpo cuja essência atual, seu *conatus*, consiste no esforço para afetar e ser afetado de certa maneira por um outro corpo, o da classe.

⁶ Sabemos que para Spinoza a noção de classe, assim como de religião e de nação, são representações coletivas que atuam sob a *ambição*, uma relação de identificação: “(...) o desejo dos indivíduos de verem os outros conforme suas próprias opiniões (...)”, como bem sintetizou Balibar, em *Spinoza and Politics*. (BALIBAR, Étienne. *Spinoza and Politics*. London: Verso, 2008, p.111). Entretanto, se a religião e as classes comprometem um projeto spinoziano de verdadeira autonomia do homem, dado que produziria potências passivas como ódio, esses mesmos conceitos podem produzir outras potências ativas, como o amor. Poderíamos, de certa maneira, entender as análises de Spinoza acerca destes conceitos como mais uma estratégia discursiva e semântica. Assim, aquilo que os marxistas chamam de consciência de classe hoje é o que nos permitiria afirmar que a imagem e os afetos produzidos a partir da noção comum de classe trabalhadora possuiriam em si, ao menos, a gênese simultânea de potências ativas e passivas. Da parte do trabalhador, conhecer a si mesmo e buscar sua própria extinção como classe. Tal como se dá a gênese das potências para Spinoza, quando ao afirmar Deus, nega um Deus antropomorfizado e, deste modo, liberta o homem da lei Divina e o insere como parte constitutiva da natureza, que é Deus. Do mesmo modo que, também para Spinoza, a nação, institucionalizada na figura do Estado, implica em alienação de parte da potência dos homens. Mas uma alienação que não somente vem em favor de uma instituição pública, que

expressam, e de seus efeitos ou afetos produzidos, dos conceitos deles definidos⁷. Em síntese, buscamos neste artigo entender a dimensão imaginativa da política e como ela se apresenta no campo da esquerda.

Através do que Étienne Balibar, em *Spinoza and politics*, chamou de filosofia da comunicação, Spinoza nos oferece elementos para entendermos esta dimensão imaginativa da política. Esta dimensão, ressalte-se, não diz respeito apenas aos limites da política enquanto recurso ideológico, invertido, fantasioso, como sugerem autores da ideologia⁸. A dimensão imaginativa de que falamos e sobre a qual pretendemos nos debruçar é aquela que se encontra no interior dos mecanismos de constituição das próprias ideologias. Aquela que se situa no campo dos afetos e das afecções do corpo e da mente. A *Ética* nos ajudará nesta tarefa, em especial naquilo que envolve as três éticas ou os três gêneros de conhecimento desenvolvidos por Spinoza em sua obra. De início, cabe reforçar o entendimento de Gilles Deleuze, em *Spinoza e as três “éticas”*, acerca destes três gêneros de conhecimento de que falamos. Eles não seriam apenas conteúdos, mas formas de expressão. Estas formas e conteúdos de expressão, por sua vez, seriam três: a primeira, cujos elementos são os afetos; a segunda, das noções comuns e conceitos e a terceira, das essências singulares. O ponto de partida para compreendermos estes três gêneros de conhecimento é entendermos os afetos como efeitos primeiros, espontâneos, de signos, de indícios⁹.

Deste modo, os signos e os afetos atuam juntos como efeito e indício de um corpo sobre outro. Estes signos agem no tempo e tem efeito sobre a duração de nossa existência. Portanto, estamos falando de imagens – auditivas e visuais - que determinam

irá definir o que é bom e o que é ruim, mas que implique no reconhecimento da multidão ou do *vulgus* como condição concreta para a sustentação deste próprio Estado. BALIBAR, Étienne. *Spinoza and Politics*. London: Verso, 2008, p.111.

⁷ Como subsídio para este trabalho, julgamos importante uma pesquisa de campo em que se busque conhecer as impressões experimentadas por diferentes trabalhadores quando diante de atuações dos partidos. Essas atuações poderiam variar, desde atos, protestos e abordagens visualizados diretamente na rua pelo entrevistado, até imagens projetadas pela mídia de massa.

⁸ Ver MARX, Karl. *Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985 e ALTHUSSER, Louis. *Philosophie et philosophie spontanée des savants*. Paris : Maspéro, 1974.

⁹ A referência contemporânea desta concepção do signo pode ser encontrada na semiótica de Charles Peirce. Para um maior aprofundamento na relação entre a semiótica e a filosofia de Spinoza, ver VINCIGUERRA, Lorenzo. *Spinoza et le Signe: la Genèse de la Imagination*. Paris: Vrin, 2005.

um aumento ou uma diminuição, uma expansão ou uma restrição de nossa força existencial, nossa potência. Sentimos, através dos signos, prazer ou dor, medo ou entusiasmo, alegria ou tristeza. Isto conforme aquilo que cada signo indica para cada corpo afetado. Em suma, estamos falando aqui de variações daquela potência que determina o *conatus*, singular ou coletivo. Deleuze sugere uma escala de signos que expressariam nossos distintos estados mentais e corporais. Efeitos ou *signos sensoriais* seriam, segundo Deleuze, efeitos *indicativos* por excelência. Em suas palavras, seriam “efeitos físicos sensoriais ou perceptivos que não fazem mais que envolver a natureza de sua causa (...)”¹⁰. Ou seja, são efeitos ou índices sensíveis, que suscitam afetos e potências ativas ou passivas no corpo, sem que as causas que lhes deram origem sejam compreendidas de modo adequado, para usarmos a linguagem spinoziana. Os *signos abstratos*, por sua vez, seriam aqueles frutos de uma espécie de seleção dos afetos que mais nos afetam. Esta seleção é que nos levará as noções comuns sobre as coisas. Os *signos imperativos* seriam os de efeitos morais. Isto se dá porque o efeito aqui é tomado como fim e a idéia do efeito é tida como sua causa¹¹. Por fim, os *signos hermenêuticos ou interpretativos*, aqueles signos cujos efeitos são imaginários, que nos levam a uma auto-apresentação inversamente reduzida diante de seres supra-sensíveis. Este último efeito ou signo de afecção nos conduz, através das temáticas abordadas por Spinoza, aos temas da religião e da soberania do Estado.

Entendendo a capacidade dos signos de gerar diferentes afetos, caminhamos na direção dos três gêneros de conhecimento. Com efeito, para Spinoza, a razão é experimentada em diferentes graus e não é antítese dos afetos. No primeiro gênero de conhecimento de que fala Spinoza, podemos perceber que a imagem, os signos visuais e auditivos, projeta-se sobre o corpo humano não lhe permitindo uma compreensão adequada das coisas e, logo, produzindo afetos passivos. Nas palavras de Spinoza, conforme a proposição 40, da parte 2, da *Ética*, “(...) no momento em que as imagens se confundem inteiramente no corpo, a mente imaginará todos os corpos também confusamente e sem qualquer distinção.” Este momento corresponde ao primeiro gênero

¹⁰ DELEUZE, Gilles. *Spinoza e as três “éticas”*. In: *Crítica y Clínica*, p.224.

¹¹ Deleuze, em *Spinoza e as três “éticas”*, nos dá exemplos para entendermos com clareza este signo de afecção. É como pensarmos que o sol, por esquentar nosso corpo, é feito para nos esquentar. Ou pela fruta ter um sabor amargo é que Adão acreditou que não deveria ser comida. Daí se extrai os imperativos morais: Não comas esta fruta! Ponha-se ao sol!

de conhecimento. O entendimento que se dá no primeiro gênero está, pois, subordinado ao movimento das coisas externas a nós. O segundo gênero de conhecimento, por sua vez, atua sob o regime do *habitus*. O *habitus* nada mais seria do que a potência do corpo de fazer combinações, aquela que tem o homem de recordar, lembrar, memorizar. A memória sendo a capacidade que o corpo tem de fazer ligações, associações entre as imagens de modo a constituir noções que envolvam propriedades comuns às coisas que lhe afetam, de acordo não mais com as sensações espontâneas que geram. Consequentemente, para Spinoza, esta potência da mente produz afetos ativos, aos quais os homens tendem a se apegar porque convém a sua natureza. Caso contrário, se estará diante de um regime de heteronomia das associações, algo que irá contra sua própria natureza e o levará à queda de potência, a afetos passivos.

Soma-se a isto o fato de que cada indivíduo, de acordo com aquilo que Spinoza chamou de “disposição do corpo”, forma noções universais das outras coisas de modo distinto, seja por diferentes atributos que possuem essas coisas, seja pelas distintas afecções que geram. Assim, os afetos variam de acordo com as cadeias de associações próprias de cada indivíduo, singular ou complexo. Poderíamos dizer que as noções comuns, ao surgirem da associação de imagens realizada por um determinado corpo, formam-se também de acordo com as associações temporais e espaciais da própria vida de cada homem, de seu passado, seu presente e desejo de futuro. Em termos políticos e atuais, diríamos que as imagens como corpos externos ao corpo produzem no homem afetos distintos, de acordo com a história de cada homem. Assim, é que Spinoza nos explica: as noções comuns “(...) *variam, em cada um, em razão da coisa pela qual o corpo foi mais vezes afetado, e a qual a mente imagina e lembra mais facilmente. Por exemplo, os que frequentemente consideram com admiração a estatura dos homens compreenderão, pelo nome de homem, um animal de estatura ereta; (...)*”.¹²

Esta é uma indicação para nós das possibilidades que uma imagem tem de gerar controvérsias quanto ao seu significado. Quando compreendemos o segundo gênero de conhecimento de que fala Spinoza, avançamos um pouco mais na tentativa de compreendermos também o modo como as noções modernas do belo, do justo são constituídas na imaginação do homem. Em se tratando do universo de nosso trabalho, a

¹² SPINOZA, Baruch. Op. Cit. Proposição 40, Parte II.

política aqui aparece também como dimensão imaginativa. Ela parece atuar hoje, se tirarmos proveito das reflexões de Spinoza, especialmente no campo do primeiro e do segundo gênero de conhecimento: seja quando age sob o regime físico sensorial espontâneo, quando provocam medo, raiva...; seja quando age sob o regime do *habitus*, da comparação e da abstração, pela *aptidão do corpo*, como ressalta Laurent Bove, em *La Stratégie du Conatus*, para associar duas ou mais afecções. Como, por exemplo, ao associar o que é bom ao que é dadivoso ou o que é ruim ao que é avareza.

Entretanto, ainda que identifiquemos uma preponderância desses dois primeiros gêneros de conhecimento na política dos dias de hoje, Spinoza mais uma vez nos permite vislumbrar outras perspectivas. Como entende Bove, o *habitus* ganha uma dimensão estratégica, ao preparar o caminho para o terceiro gênero. O terceiro gênero de conhecimento seria a capacidade do homem de auto-organizar o mundo conforme sua busca por perseverar na existência. O *habitus* aqui já aparece como capacidade de ligar as afecções de modo a produzir o máximo de afetos ativos. Para isto é necessária uma compreensão para além das propriedades que constituem as coisas, como no segundo gênero, mas uma compreensão dos regimes de produção das coisas. O homem, ao se sentir parte da natureza, percebe-se como parte do regime de produção das coisas. Aquilo que leva Spinoza a defender a multidão como garantia da soberania do Estado. Um desafio, que excede os limites deste trabalho, seria, portanto, verificar em que medida a prática política da esquerda brasileira pode se dar sob o regime deste terceiro gênero. Como os partidos de esquerda hoje podem desempenhar a tarefa de ajudar na compreensão do regime de produção do próprio sistema capitalista e do sentido do trabalho e do trabalhador para a totalidade deste sistema¹³.

Sujeitos políticos do campo da esquerda parecem já ter compreendido a dimensão imaginativa da política. Independente de uma efetiva referência no autor da segunda metade do século XVII, esta compreensão por parte da esquerda - e da esquerda mundial -, não é nova, a despeito de muitas acusações a ela dirigidas, relativas a uma espécie de “burocratização estética”. De fato, não podemos negligenciar tais acusações. Quando

¹³Spinoza não vê em sujeitos coletivos a possibilidade de uma experiência de conhecimento no terceiro gênero, porém, vemos passagens, em especial no Tratado Político, em que sugere algo muito próximo da máxima maquiaveliana segundo a qual o povo é mais sábio e mais constante do que o príncipe.

estamos diante de críticas como as que faz Tatiana Roque, em seu prefácio dedicado a *Kairós, Alma Venus, Multidão*, de Antônio Negri, em que questiona duramente “*Por que insistir na relação privilegiada da política com a ética, sem a estética, após o enfado dos últimos anos na trajetória da esquerda?*”¹⁴, vemos colocado um problema bastante referenciado, mas ainda não superado. Não podemos negar a necessidade de uma discussão acerca da tríade, ética-estética-política, no Brasil, tendo em vista os meios de comunicação de massa e as alternativas que começam a surgir ou ressurgir, desde rádios e mídias independentes até intervenções de rua de contrapropaganda, com stencil e grafite. Recentemente, o PSOL e outras organizações reunidas no fórum Plenária de Movimentos Sociais investiram em Outdoors contendo charges de Carlos Latuff, em que um uma mãe chora, com um filho no colo, sangrando, e um policial do BOPE sorri, com o Caveirão disparando a esmo, ao fundo. No Outdoor, os dizeres: “*Chega de extermínio! Extermínio ontem, hoje... E amanhã? 60 anos da declaração dos Direitos Humanos: eles não cumpriram*”. Ao lado, uma chamada para ato dia 10 de dezembro de 2008, no Palácio da Justiça do Rio de Janeiro.

A despeito de serem iniciativas ainda pontuais e bastante dispendiosas, podemos adiantar que o Outdoor gerou polêmica, ao ponto de suscitar pedidos de censura por parte do BOPE. Ainda que tais recursos e táticas midiáticas mereçam uma análise aprofundada sobre seus desdobramentos e eficácia, acreditamos que são sinais indicativos de que a esquerda produz referências no campo da estética. No passado, podemos citar como exemplo da atenção que organizações de esquerda prestavam a esta dimensão afetiva da recepção de sua imagem – entendendo aqui sua imagem como sendo seu discurso e sua aparência -, os cartazes políticos do período soviético, com suas retas incisivas e cores vibrantes, como os de Maiakovski e El Lissitzky, até aqueles de Maio de 68. A estes últimos, Barbara Szaniecki, em *Estética da Multidão*, dedicou um estudo em que reproduz algumas imagens de cartazes da época, de modo a ilustrar a relação entre temáticas políticas e forma estética.

¹⁴ ROQUE, Tatiana. Prefácio a *Kairós, Alma Venus, Multidão* – nove lições ensinadas a mim mesmo de Antônio Negri. Rio de Janeiro: DP&A, 2003; p. 07.

Entretanto, se observarmos o cartaz apenas como um papel fixado na parede, tendemos a crer que seu poder de alcance parece hoje se perder em meio àquilo que David Harvey considerou, em *Condição Pós-moderna*, como a compressão do tempo-espço, peculiar no modelo de produção flexível. Harvey chama atenção para o fato de que “*A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo. Sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações, associados com racionalizações nas técnicas de distribuição (...) possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior*”¹⁵. Para Harvey, algumas conseqüências da aceleração do giro de capital têm influência na maneira de pensar, de sentir e de agir. Neste sentido é que afirma: “*A primeira conseqüência importante foi acentuar a volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas.*”¹⁶.

É aqui que voltamos às três éticas de Spinoza. O que está por trás dos gêneros de conhecimento de que fala Spinoza é a compreensão da dimensão temporal da existência dos modos finitos, das coisas a que temos acesso em nossa experiência. A duração das coisas que afetam o homem está diretamente relacionada à própria existência destas coisas. Disto se compreende que a concatenação das coisas que afetam o homem é fruto da memória e da expectativa que este homem tem de ver as coisas, seja sucessivamente, seja simultaneamente, da mesma forma como mais vezes as viu. O passado e o presente destas afecções são parâmetros para que o homem compreenda a coisa que lhe afeta. O *habitus*, como bem sintetiza Bove, é o passado retido, o futuro esperado e o presente vivido¹⁷. Quando pensamos nos partidos da esquerda brasileira, em particular na sua capacidade de afetar mentes e corpos, somos levados fatalmente a dois temas: 1) a hipótese de uma nova temporalidade e, com isto, espacialidade do trabalho¹⁸; 2) a nova temporalidade e espacialidade da comunicação.

¹⁵ HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p.257.

¹⁶ Idem., p.258.

¹⁷ BOVE, Laurent. *La Stratégie du Conatus – Affirmation et Résistance chez Spinoza*. Paris: Vrin, 1996, p. 27.

¹⁸ Este primeiro tema será desenvolvido em outra oportunidade, já que é elemento importante para nossa pesquisa.

Na esteira de Harvey, poderíamos dizer que, em certa medida, a televisão e outros meios mediados de massa retiram, e muito, o potencial de uma propaganda via cartaz, via veículo estático, dado o poder que estas mídias têm de chegar ao espectador, de “ir a domicílio”, através de imagens instantâneas e dinâmicas¹⁹. Mesmo materiais menos estáticos como boletins e jornais partidários não possuem potencial de massificação que têm as emissoras de TV, em especial as grandes emissoras. Não sem razão agências de publicidade começaram a investir, nos últimos anos, em novas técnicas de abordagem que imprimem movimento às peças de propaganda. Com a exploração de mobiliários urbanos, exposições sequenciais de um único anunciante, totens rotativos, mídias móveis, essas agências procuram imprimir um dinamismo às campanhas publicitárias. Mas não somente isto. Têm sido comuns as táticas de visibilidade que trabalham com o uso do espaço público de maneira extraordinária, na esteira das performances teatrais²⁰. Recentemente, a Toyota instalou girassóis gigantes em praças públicas de algumas cidades americanas para promover um novo modelo de “carro ecológico”. Algumas vezes, o conteúdo da propaganda é recurso para chamar atenção e potencializar a capacidade de disseminação do produto, tal como adotado pela esquerda, no Outdoor contra o extermínio. Com o objetivo declarado de “dar uma face ao vírus da AIDS”, uma agência alemã criou polêmica entre os portadores do vírus com uma série de cartazes que mostrava Hitler, Stalin e Sadam Hussein fazendo sexo com mulheres, sob o texto “O vírus da AIDS é um assassino em massa”. Somado a estas novas táticas de abordagem midiática, vemos se desenvolver o que estão chamando de *Marketing Viral*, em que se utilizam filmagens aparentemente amadoras para criar rumor em torno de um novo produto ou serviço. As pessoas compartilham as imagens, como registros espontâneos, transmitindo as marcas dos produtos.

No campo da esquerda, táticas de visibilidade como estas têm sido adotadas, nos limites orçamentários das organizações. Recentemente, o Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação, o SEPE, dirigido pelo PSOL e pelo PSTU, propagandizou sua campanha salarial em ônibus-door. Tudo isto para imprimir ao conteúdo propagado

¹⁹ Usamos uma imagem criada em um cartaz de 68 que dizia: “*L'intox vient a domicile*”, em que se via uma centena de casas sob imensas antenas de TV.

²⁰ Veremos mais adiante que o uso dessas táticas de visibilidade por parte das mídias não-televisivas guarda identidade com as táticas de visibilidade da esquerda, via o que chamamos de ação performática.

alguma mobilidade. Algo que, porém, parece não alcançar o dinamismo das mídias televisivas, meio de transmissão de informação ainda de maior poder de massificação e, portanto, a que mais importa pra nós aqui.

Porém, não é apenas a seu dinamismo e sua capacidade de distribuição que devemos, a nosso ver, atribuir tamanha potencialidade à televisão. É na exploração de outras técnicas também relacionadas à produção da informação, às formas variadas de ativação de afetos, que a televisão – e também a mídia impressa, com as devidas proporções - encontra meios de fazer a “mente imaginar”. Portanto, diríamos que a televisão é a expressão maior, em nossos tempos, do que Spinoza, em sua época, procurava tratar como corpos externos de ativação de afetos.

Ao suscitar afetos variados, os meios mediados de transmissão de informação geram memórias, uma espécie de roteiro afetivo, em que incluem o possivelmente desprezível – para pegarmos carona nas reflexões de Peter Sloterdijk -, e o possivelmente admirável e desejável. Spinoza nos ajuda a compreender como se dá esta construção. O autor nos ensina: “*desprezo é a imaginação de uma coisa que toca tão pouco a mente, que a mente, pela presença da coisa, é mais movida antes a imaginar aquilo que não está na coisa do que aquilo que está*”.²¹ A saída para a proposição spinoziana pode estar naquilo que sugeriu Sloterdijk, em *O desprezo das massas*: a superexposição do desprezível. Segundo o autor, esta saída vem sendo adotada pela cultura de massa, que está “*sempre ligada à tentativa de desenvolver o desinteressante como o mais perceptível*”²². Recurso, portanto, como a repetição da mesma informação pode servir de exemplo para o que Sloterdijk chamou de “desinteressante super-exposto”.

Se compreendermos a noção de desprezo e de memória em Spinoza, talvez possamos caminhar na direção de superarmos a seguinte questão: como os partidos de esquerda se tornam estranhos à própria classe a que se destina sua política? Desprezo se dá, em termos spinozianos, quando a coisa é tão estranha a nós que, ao nos tocar, somos levados a imaginar a coisa de acordo com aquilo que supomos melhor convir com *nossa* natureza. Ou seja, ver na coisa aquilo que não lhe é próprio. A memória, por sua vez, é

²¹ SPINOZA, Baruch. *Ética*, parte III, definição 5, Dos afetos.

²² SLOTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas – ensaios sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 57.

produzida pela repetição de certo encadeamento de imagens, por certa ordem. Para Spinoza, preferimos aquilo que mais vezes repete, por ver na repetição a possibilidade de prever o que está por vir. A chave, portanto, para o super-exposto de que fala Sloterdijk está, a nosso ver, justamente na noção spinoziana de memória. Para Spinoza, memória é “(...) *uma certa concatenação de idéias, as quais envolvem a natureza das coisas exteriores ao corpo humano, e que se faz, na mente, segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano.*”²³. Daí se extrai que quanto mais vezes forem afetados o corpo e a mente - entendendo aqui conforme sugere Spinoza, mente e corpo como um único indivíduo -, mais o corpo exterior afetante será referência para as imaginações e idéias daí originadas. Em outras palavras, quanto mais vezes uma coisa ativar afetos em um indivíduo, mais este indivíduo se esforça por imaginar coisas a ela semelhantes. A coisa que toca com habitualidade a mente estará influenciando na imagem que o indivíduo fará de coisas a ela correlatas, “(...) *aquele algo em que todos, enquanto o corpo é por eles afetado, estão em concordância, pois foi por este algo que o corpo (...) foi mais vezes afetado.*”²⁴

Em termos atuais, diríamos, pois, que quanto mais vezes for exposta ou repetida a imagem – dado que corpo e mente são uma unidade, reforçamos o sentido de imagem como também discurso –, mais ela vai influir na opinião do indivíduo em relação a todas as outras imagens a ela correspondentes. A exemplo do potencial presente na técnica de repetir uma mesma imagem, podemos recuperar as análises de Slavoj Žižek, em *As Portas da Revolução*, em que o autor pergunta: “(...) *O que dizer da frase que reverbera por toda parte: ‘depois do 11 de setembro, nada será como antes?’*”. Žižek está atento ao imaginário que mobilizam tais formulações e suas conseqüências práticas, de tal forma que afirma: “(...) *o modo como percebemos nossa situação determina o modo como agimos dentro dela*”. A resposta para a pergunta o autor mesmo dá: “*significativamente, esta frase nunca é elaborada mais a fundo – é apenas um gesto vazio de dizer algo ‘profundo’ sem que se saiba o que realmente se quer dizer*”²⁵.

²³ SPINOZA, Baruch. Op. Cit., Escólio da proposição 18.

²⁴ Idem., Escólio 1 da proposição 40.

²⁵ ŽIZEK, Slavoj. *As portas da Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 258.

A repetição, podemos dizer, auxiliaria naquilo que Szaniecki, a partir das reflexões foucaultianas acerca do poder disciplinar do discurso, chamou de “disciplinamento e normalização”²⁶ dos meios de comunicação. O disciplinamento e normalização da comunicação levariam, segundo a autora, o indivíduo a aceitar ou rejeitar aquilo que estiver de acordo com um pensamento ordenado. Guy Debord, em *A Sociedade do Espetáculo*, também contribui para a compreensão do vínculo entre repetição e poder. Para o autor, repetição é como “(...) *um discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si própria, seu monólogo elogioso.*”²⁷ Por fim, nas palavras de Bove, a repetição “*nada mais faz que atualizar a modificação produzida em seus corpos, desde o primeiro dia.*”²⁸ Em síntese, a repetição traz de volta o estado vivido anteriormente. Ela é fundada numa impressão contínua das coisas, quando aparecem de maneira sucessiva ou simultânea.

Mas se a repetição é um modo concatenado de mais vezes afetar a mente e o corpo, ou uma reverberação de frases e imagens que mobilizam nosso imaginário e determinam nossa forma de agir, ou uma maneira de disciplinamento e normalização, ou um discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si mesma, o que dizer acerca daqueles que não fazem parte desta ordem presente?

Tendo a esquerda partidária brasileira como força política que atua como contraponto a este discurso ininterrupto, podemos desde já afirmar que ela não tem conseguido acompanhar a velocidade e a frequência com que o discurso - ou as imagens - televisivo tem sido veiculado e, repetidas vezes, exposto. Como saída, esta mesma esquerda parece ter encontrado nesta própria mídia, uma maneira de tocar as mentes dos indivíduos. De certa maneira, poderíamos dizer que isto tem implicado em um redirecionamento de seus métodos de persuasão. A televisão passa, contraditoriamente, a ganhar peso como veículo privilegiado de propagação das idéias desses sujeitos políticos. Meios de interação direta, como de nucleação, células e organização de base, instrumentos comuns dos partidos de esquerda das décadas de 60 até meados de 90, parecem perder lugar para uma tática de visibilidade voltada para a mídia de massa. Os

²⁶ SZANIECKI, Barbara. *Estética da multidão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.88.

²⁷ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/elibris/socespetaculo.html>>.

²⁸ BOVE, Laurent. Op. cit., p.23

núcleos, que antes significavam uma articulação permanente de uma base militante²⁹, são secundarizados em favor de uma articulação efêmera via atividades de maior apelo midiático. Daí que se compreende uma possível mudança no caráter e nos objetivos dos atos de protestos de rua. Se antes uma expressão, em princípio, de um acúmulo de forças, de modo a chamar atenção para uma luta ou uma bandeira, hoje talvez o inverso: um modo de chamar atenção para uma luta ou uma bandeira, de forma a adquirir um acúmulo de força. Em síntese, os atos podem estar se tornando muito mais uma tentativa de entrar nas pautas midiáticas como corpo afetante, de modo a ganhar visibilidade de massa - atos como *performance*, como tática de visibilidade, em um contexto de isolamento político, de ausência no dia-a-dia de suas bases sociais. Estes atos são expressão de um atributo que é peculiar à ação performática: a quebra da rotina. A ação performática é efêmera, tem o fato concentrado em um episódio curto e sem continuidade. E é apoiado nesta quebra da rotina, por estas características, que os sujeitos políticos procuram chamar atenção da mídia e tocar as mentes que no dia-a-dia se encontram desligadas do projeto ideológico dos partidos.

A despeito de uma análise mais aprofundada do tema - tarefa a que estamos nos dispondo, no sentido de observamos em que medida os partidos de esquerda têm privilegiado os atos de rua à tarefa de organização e de propaganda direta -, podemos perceber desde já uma queda significativa na adesão de setores da sociedade às suas bandeiras e lutas.³⁰ Certamente que são muitas as razões para esta baixa adesão. Poderíamos listar algumas aqui, brevemente: os discursos propagados pós-muro de Berlim (o fim do comunismo); os apelos relativos à democracia constituída; as condições de desemprego e de precarização do trabalho e a desmobilização que essas condições contraditoriamente acarretam; a institucionalização de instrumentos políticos historicamente importantes como o PT e a CUT; as estratégias do governo Lula de

²⁹ Relevante lembrar da resolução acerca dos núcleos, tirada por ocasião do V Encontro Nacional do PT. Segundo resolução, “os núcleos devem ser a forma fundamental de organização do partido”.

³⁰ Nas últimas eleições brasileiras para prefeitura e para a Câmara de Vereadores, o principal candidato a vereador do PSTU, Cyro Garcia, teve 0,30% dos votos. Babá, candidato da corrente CST do PSOL, teve 0,25%. Votos na legenda do PSTU somaram apenas 0,06% e do PCB, 0,09%. (Disponível em <http://www.tse.gov.br>. Consulta realizada em 5/10/2008). Ainda que as análises das eleições levantem questões diversas que vão desde o domínio das técnicas de comunicação até o peso do poder econômico, podemos encarar tais resultados como “termômetro do êxito” dos partidos. LÊNIN, Vladimir Illich. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2004, p.63.

contemplar os diversos setores da sociedade em uma tentativa de capitalismo de ganhos mútuos, dentre outros. Entretanto, há razões que podemos atribuir aos próprios partidos, hoje encarregados de organizar as lutas frente às perdas de direitos e em defesa de bandeiras democráticas mais ousadas. Uma delas seria justamente a adoção de uma tática de visibilidade mediada e efêmera, em substituição às táticas de persuasão diretas, metódicas e cotidianas, de médio e longo prazo.

À primeira vista, não haveria outra saída que não esta: a adesão aos meios possíveis de maior propagação, pela própria dinâmica de vida, que tem se apresentado mais flexível, volátil e acelerada, conforme chama atenção Harvey. O estudo e a leitura parecem ser métodos arcaicos diante de um mundo veloz e fragmentário³¹. Entretanto, se os meios de transmissão de informação mediada implicam naquilo que Jonh Thompson definiu, em *A Mídia e a Modernidade*, como “*distanciamento espaço-temporal*” - qual seja, o processo de afastamento da produção da notícia em relação ao fato ocorrido ou ao seu contexto -, a mídia aqui atua como tradutor dos fatos noticiados. Como sugere Thompson, os meios de informação e comunicação consistem eles próprios em um poder cultural ou simbólico³², dado a capacidade que têm de fixar formas simbólicas, ou significados, no imaginário daqueles que o assistem, e de reproduzir massivamente esses significados.³³ Assim sendo, esta fixação de formas simbólicas ocorre com uma relativa liberdade de narrativa dos fatos. Não é sem razão que José Eisenberg, em *Eventos Midiáticos e Fatos Jurídicos*, sustenta que a mídia constrói, processa e valora a realidade social³⁴. Neste sentido, Thompson irá atentar para o fato de que “(...) *as condições sob as*

³¹ Não estamos aqui aderindo à tese negriana acerca dos aspectos positivos da flexibilização do trabalho, em que se daria, segundo Antonio Negri, a troca de informação graças a deslocamentos contínuos dos trabalhadores. Nem mesmo sustentamos a tese deste autor do fim do trabalhador-massa, em que o cérebro é a principal ferramenta de trabalho. Ao contrário, a partir da flexibilização das relações de trabalho, identificamos uma sobrecarga de trabalho que implica em mais cansaço e menos disposição para leitura.

³² A expressão poder simbólico vem de Pierre Bourdieu. A despeito do uso distinto que fez Thompson do termo, em especial com relação à capacidade de influência dos meios de comunicação sobre seus receptores, consideraremos aqui a contribuição de Bourdieu sobre a existência, como pressuposto do poder simbólico, de uma forma de “desconhecimento” da parte daqueles que têm na mídia de massa seu meio de comunicação privilegiado.

³³ Thompson atenta para o fato de esta reprodutibilidade das formas simbólicas ser uma das características que estão na base da exploração comercial dos meios de comunicação. É quando dirá que “*as formas simbólicas podem ser ‘mercantilizadas’*”. Ver THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p.27.

³⁴ Ver EISENBERG, José. *Eventos Midiáticos e Fatos Jurídicos – Uma Tréplica*, boletim eletrônico do CEDES - Centro de Estudos Direito e Sociedade/IUPERJ, Maio de 2007, disponível em <<http://www.cedes.iuperj.br/>>

quais os líderes políticos hoje devem se apresentar e administrar sua visibilidade são radicalmente diferentes de qualquer coisa vivenciada pelos reis, lordes e príncipes da Idade Média”³⁵. Diante disto, resta-nos a tarefa de medir a eficácia na dinâmica desta esquerda de “delegar” a um porta-voz a tarefa de narrar seus fatos e seus atos.

Ao adotar a *performance* como tática preferencial de visibilidade, a esquerda pode estar sujeita aos encadeamentos de imagens a ela associadas, através de pautas midiáticas que conferem aos atos significados e afetos diversos daqueles pretendidos. Ainda que a *performance* tenha em vista a produção de memória, quando compreendemos a memória conforme sugere Spinoza, com sua dimensão associativa, corporal e involuntária, podemos perceber nesta tática de visibilidade alguns riscos. Isto porque as técnicas de edição da mídia de massa - esta enquanto porta-voz delegada da esquerda -, mostram-se hoje como técnicas por excelência de produção desta memória. Os riscos, portanto, estariam na possibilidade de existirem narrativas adversas à própria esquerda, através de repetidos encadeamentos de imagens a ela correlatas, dispostas de modo a gerar estranheza e desprezo.

Performance como imagem concatenada

a) Uma preliminar: a ausência de imagem como forma de geração de desprezo

Cabe antes de tudo, mencionar também a ausência de imagens, de afecções, como mais uma possibilidade eficaz de gerar este desprezo. Esta ausência comprometeria a própria existência desses partidos de esquerda. Na esteira daqueles que crêem que o que está na mídia é o que existe, a ausência de imagem veiculada é meio usual e conseqüente de fazer desaparecer as atividades da esquerda. Referimo-nos à possibilidade de os atos que servem de conteúdo à *performance* não serem nem ao menos veiculados pelos canais televisivos. Alguns poderiam encontrar justificativas para a não veiculação, pela baixa quantidade de manifestantes presentes nas atividades. Explicação razoável, quando

³⁵THOMPSON, John B. Op. cit., p.117

entendemos a mídia conforme sugere Eisenberg, como “*indústria de narrativas escandalosas*”³⁶. Algo que nos remete diretamente à nossa questão central, acerca da eficácia da tática de visibilidade adotada por esta esquerda, à medida que a baixa adesão às suas atividades e atos revelaria já de início uma capacidade reduzida de se fazer ouvir e de se fazer ser visto. Trata-se aqui, como podemos adiantar, de uma situação de isolamento que se retro-alimenta. Frente aos riscos de não ver nem ao menos sua atividade propagada através da mídia, a saída pode ser a *performance na performance*.

Slavoj Žižek nos ajuda a entender esta dupla tática de visibilidade quando narra uma estratégia ocasionalmente utilizada, segundo ele, em manifestações políticas: “*quando uma multidão é bloqueada pela polícia, pronta a espancar os participantes, a maneira de se criar uma reversão surpreendente da situação é as pessoas começarem a brigar entre si*”³⁷. A despeito de sua tese acerca da encenação como um ato de libertação, como uma “violência redentora”, poderíamos tomar o exemplo de Žižek como ilustração do que chamamos de *performance na performance*: a tentativa de estabelecer um canal de diálogo entre os manifestantes e uma mídia pouco interessada, por meio de atos histriônicos em ocasião de um evento, que corre sério risco de fracassar na sua projeção. O ato é duplamente performático porque é um evento extraordinário, de ocupação de uma rua, de fechamento de uma avenida, em que se acrescenta um gesto de heroísmo que lhe destaca. Ele é ruptura no disruptivo. Uma quebra na narrativa de um tempo já performático. Em outras palavras, uma ação fora do previsto, em um ato que quebra a rotina de um dia sem protestos e sem marchas.

No Brasil, não é fácil vislumbrar o exemplo de Žižek. Diríamos que a *performance na performance* costuma se dar via outras táticas de reversão surpreendente da situação, em que a violência é elemento importante. Uma delas se expressa em gestos de valentia e de enfrentamento, em que se joga pedras em um consulado, até quebrar suas vidraças, ou se queima um pneu em uma esquina para inviabilizar a passagem por completo de veículos e de transeuntes³⁸. Outra tática, atribuída muitas vezes a militantes

³⁶ EISENBERG, José. *Eventos Midiáticos e Fatos Jurídicos – Uma Tréplica*. Maio de 2007, disponível em <<http://www.cedes.iuperj.br/>>, p.1.

³⁷ ŽIZEK, Slavoj. Op. cit., p.272.

³⁸ Curiosamente, este recurso de queimar pneus tem sido muito comumente utilizado por moradores de comunidades carentes. A visibilidade que se ganha parece ser eficaz. Supomos apenas que esta eficácia se

anarquistas e esquerdistas, é a de provocar a polícia de modo a suscitar um confronto que gere prisões e violações da integridade dos próprios manifestantes. As prisões e violações seriam formas de expor o inimigo, através de abusos nas condutas repressivas, ao mesmo tempo em que permitiriam ao militante se apresentar como um herói em batalha. Ressaltamos aqui que não estamos sugerindo que todos os confrontos ocorridos em ocasião de protestos sejam táticas de visibilidade. Alguns e muitos deles são reais, como o que ocorreu recentemente em uma manifestação de professores em frente a Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, com 3 professores gravemente feridos. Sobre este protesto, trataremos mais adiante quando buscaremos compreender outras formas de gerar desprezo encontradas pela mídia.

A despeito da autoria destas ações que implicam em *performance na performance* e das intenções de seus autores, diríamos que elas possuem o potencial de chamar atenção da mídia, de tal forma que diminua o risco de baixa projeção de uma manifestação ou de um protesto. Entretanto, acreditamos que quanto mais ela adquire aparência de *performance*, mais ela corre risco de fracassar em seus intentos. Em outros termos, quanto mais a ação heróica de um militante ou de um grupo de militantes, ou a manifestação ou protesto de organizações políticas se mostrem como gestos isolados e extraordinários, menos eles chamarão atenção para si. Isto se revela de maneira ainda mais clara quando presenciamos situações em que a baixa presença de manifestantes em um ato acentua o caráter performático da performance. É quando uma manifestação esvaziada repercute em uma política recuada dos organizadores do ato, de tal forma que aquele gesto de radicalidade se mostre descolado das reais condições – e até mesmo, diríamos –, dos reais afetos e conseqüentes ânimos dos militantes. Foi o caso de uma manifestação em solidariedade ao povo palestino, ocorrida no Rio de Janeiro, no dia 8 de janeiro de 2009, para a qual se *programou* jogar sapatos³⁹ no consulado americano. Os

deva a dimensão que ganha esses gestos. Dimensão de acúmulo de forças, realmente ameaçadoras à ordem, em face de investidas diárias da polícia nessas comunidades. Ademais, a narrativa dada pelas mídias de massa – frequentemente associando os protestos ao tráfico – tem sido, a nosso ver, elemento importante para as leituras favoráveis que os eleitores fazem acerca das políticas de segurança pública dos governos.

³⁹ O gesto de jogar sapato era uma referência ao *episódio* do jornalista iraquiano que, em 14 de dezembro de 2008, tentou atingir George Bush com um sapato, por ocasião de uma visita surpresa do presidente americano à Bagdá. Importante chamar atenção para o fato de a iniciativa do jornalista, que aparece para todo mundo como um “episódio”, ser expressão de um acúmulo anterior de insatisfação das massas iraquianas em relação à política do governo Bush. A *performance* aqui ganha outra dimensão, quando associada ao imaginário do povo iraquiano, não somente através do ódio comum ao presidente Bush, mas

organizadores do ato gritavam do carro de som para que os manifestantes jogassem os sapatos apenas ao lado do prédio, de modo a não incomodar a polícia⁴⁰. Chamá-íamos isto de “radicalidade simbólica programada”, em que o que se faz é muito mais uma aparição extraordinária em um dia ordinário, com gestos histriônicos, de modo a destacar a ação e assim gerar visibilidade⁴¹. O que está em jogo aqui é uma dialética da *performance*. Para que ela se apresente como *exceção* de um cotidiano, é preciso que ela seja *excesso* de um outro cotidiano. Isto porque, a *performance* nos marcos das organizações de esquerda, só possui chance de entrar nas pautas da mídia escandalosa de Eisenberg se ela se apresenta de fato como escândalo. Considerando este escândalo como seu sentido etimológico, skándalon, de obstáculo que faz tropeçar, de armadilha. Excesso aqui significa acúmulo, extrapolação de um *continuum*, desmedida que vem de um crescente.

b) O passado e o futuro da imagem: mais um mecanismo de geração de desprezo

Podemos, entretanto, observar situações, em que os atos de protestos se apresentam como excesso, mas que parecem não superar alguns outros obstáculos relativos à própria narrativa midiática. Peguemos o caso recente, da manifestação de professores em frente à Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. Acreditamos que a veracidade dos atos de violência ocorridos tenha sido determinante para a repercussão que teve a notícia na mídia de massa. Entretanto, verificando o Jornal Nacional da Rede Globo, do dia 8 de setembro deste ano, em que houve a manifestação e o tumulto, podemos observar duas tendências: 1) a de que, quando se trata de confronto real, a notícia tende a furar o bloqueio midiático e 2) que, ainda assim, a narrativa dada não somente é desfavorável em seu conteúdo, como também nas concatenações feitas.

Do ponto de vista de seu conteúdo, podemos observar que o tempo dado à notícia na pauta do dia foi de aproximadamente 24 segundos, nos quais se narrou apenas a

também pelo conteúdo moral e simbólico que possui o gesto de jogar sapatos, no Iraque. É o caso de uma *performance* que, ao contrário de exceção, é excesso.

⁴⁰ Procurado nos principais telejornais do Rio de Janeiro - Jornal Nacional, SBT Brasil e Jornal da Record - , vimos que não houve nenhuma notícia deste protesto.

⁴¹ Referência ao ato realizado no dia, em que a autora deste artigo esteve presente.

versão da polícia: *“segundo a polícia, a confusão começou depois que um manifestante desacatou um policial. Bombas de efeito moral e balas de borracha foram usadas, e pelo menos 16 pessoas ficaram feridas”*⁴². Se comparado às outras notícias, o tempo que lhe foi concedido foi inferior até mesmo a notícia de última hora, sobre a cassação pelo TSE de mandatos de candidatos eleitos em 2006, noticiado em cerca de 28 segundos. Quando verificamos toda a pauta, vemos que os 9 minutos utilizados para tratar das chuvas e enchentes no sul e sudeste do país, reduzem, em grande medida, o peso da notícia do protesto. Do ponto de vista da concatenação das imagens e discursos, podemos ver que a notícia dos professores aparece no bloco sobre violência. Bloco este iniciado sob a legenda “vandalismo”, com a imagem de ônibus, pegando fogo. Tratava-se da notícia de mais um dia de ataques urbanos em Salvador, feitos por criminosos insatisfeitos com a transferência de um preso. Os policiais aparecem neste momento como alvos, razão pela qual, dentro dos 30 segundos dedicados a notícia, a reportagem aborda as mudanças de táticas da polícia para se protegerem dos ataques dos bandidos. Em seguida, vem a notícia dos protestos dos professores, com referência a um manifestante que desacatou um policial. A notícia que se segue, de 1 minuto e 36 segundos, é a da brasileira acusada de matar a filha, na Itália. Uma reportagem favorável à mãe da criança, que serve como passagem para a reportagem dos 40 anos da Rede Globo, onde a atmosfera de violência é abandonada rumo às notícias de futebol e dos avanços tecnológicos em favor da vida.

É neste momento que retornamos a Spinoza. Para que os atos de protesto, ao serem veiculados pela mídia, despertem no indivíduo afetos ativos, eles precisam estar concatenados com outros signos a ele anteriores e posteriores. Assim é que devemos levar em conta o modo como os partidos de esquerda têm sua imagem veiculada. Como sua imagem vem acompanhada de outras imagens, o corpo afetado combina os signos conforme suas aparições, conforme a repetição dos encadeamentos das imagens. Esta combinação ou associação gera noções comuns e variações de potência, afetos ativos e passivos. Por ocasião de um ato, muito comum é a veiculação da notícia sobre a manifestação ou protesto – quando a veiculação ocorre -, vir acompanhada de signos outros, sejam auditivos, sejam visuais. Assim é que uma manifestação pode ser noticiada

⁴²Os trechos do Jornal Nacional da edição de 08 de setembro de 2009 foram transcritos a partir do arquivo audiovisual disponível em <http://www.g1.globo.com>.

em um bloco de notícias sobre violência urbana. Deste modo, a imagem da manifestação possui um passado, um presente e um futuro que, repetidas vezes projetados, permite a constituição de uma noção comum de manifestação, qual seja: a de violência e desordem. Esta noção comum passará a representar o conceito de protesto, a sua imagem, mesmo que o indivíduo não mais esteja diante da televisão. Isto se dá pelo roteiro afetivo de que falamos. Ver uma manifestação na rua levará o homem a pensar imediatamente em violência urbana, ainda que ele não esteja diante de nenhuma situação de real ameaça ou violência. A concatenação aqui é permitida à própria mídia, por seus recursos de edição, através de imagens associadas – palavras, fotos, cenas –, que oferece um conjunto de signos que origina em muitos indivíduos uma noção universal do que é “protesto”. Ainda que este indivíduo seja social e economicamente próximo a todos aqueles que protestavam, a imagem que mais vezes o afetou foi esta: a de protesto como tumulto, como baderna. Será esta imagem que ficará registrada na mente e no corpo do indivíduo afetado.

Considerações Finais

Com a televisão, poderíamos dizer que ocorre aquilo que Debord descreve acerca do espetáculo como *“reconstrução material da ilusão religiosa”*, em que *“(...) o mundo sensível se encontra substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele”*⁴³. Debord relaciona esta dominação da sociedade pela imagem à noção marxiana de fetichismo da mercadoria, em que o sujeito é alienado de si diante de um objeto. Se traduzirmos as noções de fetichismo da imagem de Debord para termos spinozianos, poderíamos dizer que o corpo exterior, ao afetar o nosso corpo, produz na mente idéias parciais e confusas, de tal maneira que os afetos a elas relacionados vão contra nossa própria natureza. No entanto, a repetição ordenada, conforme já dito, ainda que produtora de afetos passivos, é preferível ao homem à confusão gerada pelo rompimento dos encadeamentos de imagens habituais. Isto se dá pelo fato de que *“(...)os homens*

⁴³ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/elibris/socespetaculo.html>.

preferem a ordenação à confusão, como se a ordenação fosse algo que, independentemente de nossa imaginação, existisse na natureza”⁴⁴. Daí o porquê “(...) *as coisas que podem ser imaginadas mais facilmente são mais agradáveis do que outras*.”⁴⁵ Este processo, que chamaríamos hoje de alienação - alienação esta baseada na escolha pela ordem –, é objeto de reflexão de autores como Bove acerca do *conatus* spinoziano.

Laurent Bove foi quem estabeleceu uma relação entre a noção de servidão voluntária, de que é precursor Étienne de La Boétie⁴⁶ com a noção do *conatus* em Spinoza. Segundo Bove, “(...) *a definição do homem como desejo, a ilusão imediata de sua liberdade (como livre arbítrio) e seu comportamento espontaneamente finalista na sua investigação do útil próprio são os três elementos que nos levam a esclarecer o problema da servidão em Spinoza*”⁴⁷. Algo que já encontraria indícios na proposição 3 da parte IV da Ética de Spinoza, que afirma “*A força pela qual o homem persevera no existir é limitada e é superada, infinitamente, pela potência das causas externas.*”⁴⁸, mas que tem, no apêndice da parte I, os elementos de que trata Bove:

“(...) Com efeito, disso se segue, em primeiro lugar, que, por estarem conscientes de suas volições e de seus apetites, os homens se crêem livres, mas nem em sonho pensam nas causas que os dispõem a ter essas vontades e esses apetites, porque as ignoram. Segue-se, em segundo lugar, que os homens agem, em tudo, em função de um fim, quer dizer, em função da coisa útil que apeteçam. É por isso que, quanto às coisas acabadas, elas buscam, sempre, saber apenas as causas finais, satisfazendo-se, por não terem qualquer outro motivo para duvidar (...)”⁴⁹.

Se o homem prefere a ordem à confusão e assim se aliena, Spinoza sugere uma saída para que ele não padeça sob seus próprios afetos. A saída está em outro gênero de conhecimento que não aquele originado de signos que foram ouvidos ou lidos, de que

⁴⁴ SPINOZA, Baruch. *Ética*. Apêndice da parte 1.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Nas palavras de La Boétie, “É estranho ouvir falar na bravura que a liberdade põe no coração daqueles que a defendem, mas o que, em todos os países, em todos os homens, todos os dias, faz com que um homem trate cem mil como cachorros e os prive da liberdade? No entanto, não é preciso combater esse único tirano, não é preciso anulá-lo; ele se anula por si mesmo, contanto que o país não consinta a sua servidão; (...)”. LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da Servidão Voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.14

⁴⁷ BOVE, Laurent. *La Stratégie du Conatus – Affirmation et Résistance chez Spinoza*. Paris: Vrin, 1996. p.176

⁴⁸ SPINOZA, Op. cit., Apêndice da Parte I. p.273

⁴⁹ Idem, p.65.

nos recordamos e dos quais imaginamos as coisas. Através de um outro gênero de conhecimento⁵⁰ que não aquele, em termos mais spinozianos, que se dá a partir do que chamou de “experiências erráticas”, o conhecimento de primeiro gênero. Spinoza está tratando aqui do segundo e terceiro gêneros de conhecimento, aqueles que, conforme a proposição 42, da parte II, da *Ética*, “*nos ensina a distinguir o verdadeiro do falso.*”⁵¹ Spinoza tem em vista o conhecimento das coisas que caminha na direção da ordem do intelecto.

Em termos atuais, o segundo gênero de conhecimento a que se refere Spinoza pode ser associado à tarefa dos sujeitos políticos de que falamos, tendo em vista serem eles capazes de gerar encadeamentos de imagens que gerem afetos ativos, através de uma existência que perdura para além de eventos disruptivos. Se a esquerda hoje de fato identifica nos meios especialmente televisivos a forma de tocar as mentes dos indivíduos, há que se ter duas hipóteses de reflexão: a disposição destes mesmos indivíduos em ler os fatos veiculados acerca da atuação da esquerda com olhar de quem se identifica com os atores em imagem, ou ler os fatos, fiel ao seu narrador assíduo, ao tradutor da imagem. Em outros termos, caberia a esquerda verificar se seus meios tradicionais de persuasão, aqueles cotidianos, que tocam a mente mais vezes, não atuariam como meios eficazes de potencializar a *performance* de modo a apresentá-la como seu excesso. A esquerda como um narrador alternativo. Aquele capaz de lançar a imagem pela televisão e, ao mesmo tempo, contar sua versão “indo a domicílio”, indo aos locais de trabalho e de convivência.

É o que nos permite compreender a dimensão de cartazes de maio de 68. Szaniecki, ao reproduzir a descrição feita por Barnicoat do Atelier Populaire, nos oferece elementos suficientes para entendermos que os cartazes, aparentemente *performance* como exceção, dada a tática de visibilidade com base na quebra da rotina e na efemeridade com que surgiam e desapareciam, eram *performance* como excesso. Assim reproduz Szaniecki:

⁵⁰ Atentamos para o fato de que, quando falamos de gênero de conhecimento - mesmo o terceiro, da ordem do intelecto -, estamos falando também de afetos ativos a ele relacionados, como alegria, que teríamos ao compreendermos o regime de produção de algo. Isto porque, Spinoza não se situa no campo daqueles pensadores intelectualista, que sugerem uma superioridade do intelecto em relação ao corpo.

⁵¹ SPINOZA, Baruch. Op. cit. Proposição 42, da Parte II.

“O ‘Atelier Populaire’ consiste num ateliê onde os cartazes são concebidos, e vários ateliês onde são produzidos (...). Todos os militantes – trabalhadores, estudantes, artistas – do ‘Atelier Populaire’ se encontram diariamente numa assembléia geral. O trabalho desta assembléia não é apenas escolher entre os designs e slogans sugeridos para os cartazes, mas também discutir todos os problemas políticos.”⁵²

Deste modo é que a *performance* não aparece como um corpo estranho a ser desprezado, mas um corpo externo passível de ser concatenado com outros signos a eles associados, desde que seu ator, a esquerda, apareça antes e depois da performance. Em outros termos, a habitualidade ou o *habitus* de que fala Spinoza é elemento fundamental para que a *performance* ganhe eficácia e, assim, perca aparência de *performance*. De meio para chamar atenção e gerar acúmulo, ela passa a fruto da acumulação. De modo que a atenção conquistada conta com uma projeção concatenada com um trabalho de ativações de afetos anteriores e posteriores a ela. Estamos tratando da capacidade dos partidos de, a luz de Spinoza, produzir imagens e imaginações. E se imaginação é em Spinoza imaginar coisas inexistentes como se estivessem presentes, a luz do que chamamos de roteiro afetivo, talvez caiba à esquerda ativar afetos para que as mentes comecem a imaginar um mundo ainda não existente.

Mas em que medida é possível fazer com que o trabalho habitual da esquerda supere o potencial de massa das grandes mídias? De que maneira é possível falarmos da esquerda como veículo de maior influência sobre suas bases? De que modo pensarmos uma esquerda, cujo trabalho de organização, de formação política e de propaganda a torne canal de informação preferencial da classe trabalhadora? Ou, ao menos, meio de interação e troca de idéias, espaço de atividades e enfrentamentos reais, experimentados por maior número de pessoas, que sirva de contraposição às narrativas massificadas pelos meios de comunicação de grande porte? São desafios que este trabalho nos traz, mas que sugerem, de início, os limites de uma ação centrada na *performance* e a necessidade de pensarmos em um novo *habitus* de esquerda, em face de uma indústria cultural de massa cada vez mais dinâmica, volátil e centralizada.

⁵² BARNICOAT apud SZANIECKI, Bárbara. Op. cit, pp.83-84

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Philosophie et philosophie spontanée des savants*. Paris : Maspéro, 1974

_____. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985

BALIBAR, Étienne. *Spinoza and Politics*. London: Verso, 2008;

BOVE, Laurent. *La Stratégie du Conatus – Affirmation et Résistance chez Spinoza*. Paris: Vrin, 1996;

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993;

LA BOETIE, Étienne de. *Discurso da Servidão Voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1999;

LÊNIN, Vladimir Illich. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2004;

MARX, Karl. *Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2001;

NEGRI, Antônio. *Kairós, Alma Venus. Multidão – nove lições ensinadas a mim mesmo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003;

SLOTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas – ensaios sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002;

SPINOZA, Baruch. *Tratado Teológico-Político*. São Paulo: Martins Fontes, 2003;

_____. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007;

SZANIECKI, Barbara. *Estética da multidão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007;

THOMPSON, John B.. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998;

VINCIGUERRA, Lorenzo. *Spinoza et le Signe: la Genèse de la Imagination*. Paris: Vrin, 2005.

ZIZEK, Slavoj. *Às portas da Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2005.

Internet

<http://www.pt.org.br>

<http://www.tse.gov.br>.

Textos

EISENBERG, José. *Eventos Midiáticos e Fatos Jurídicos – Uma Tréplica*, boletim eletrônico do CEDES - Centro de Estudos Direito e Sociedade/Iuperj, Maio de 2007, disponível em <http://www.cedes.iuperj.br/>

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/elibris/socespetaculo.html>